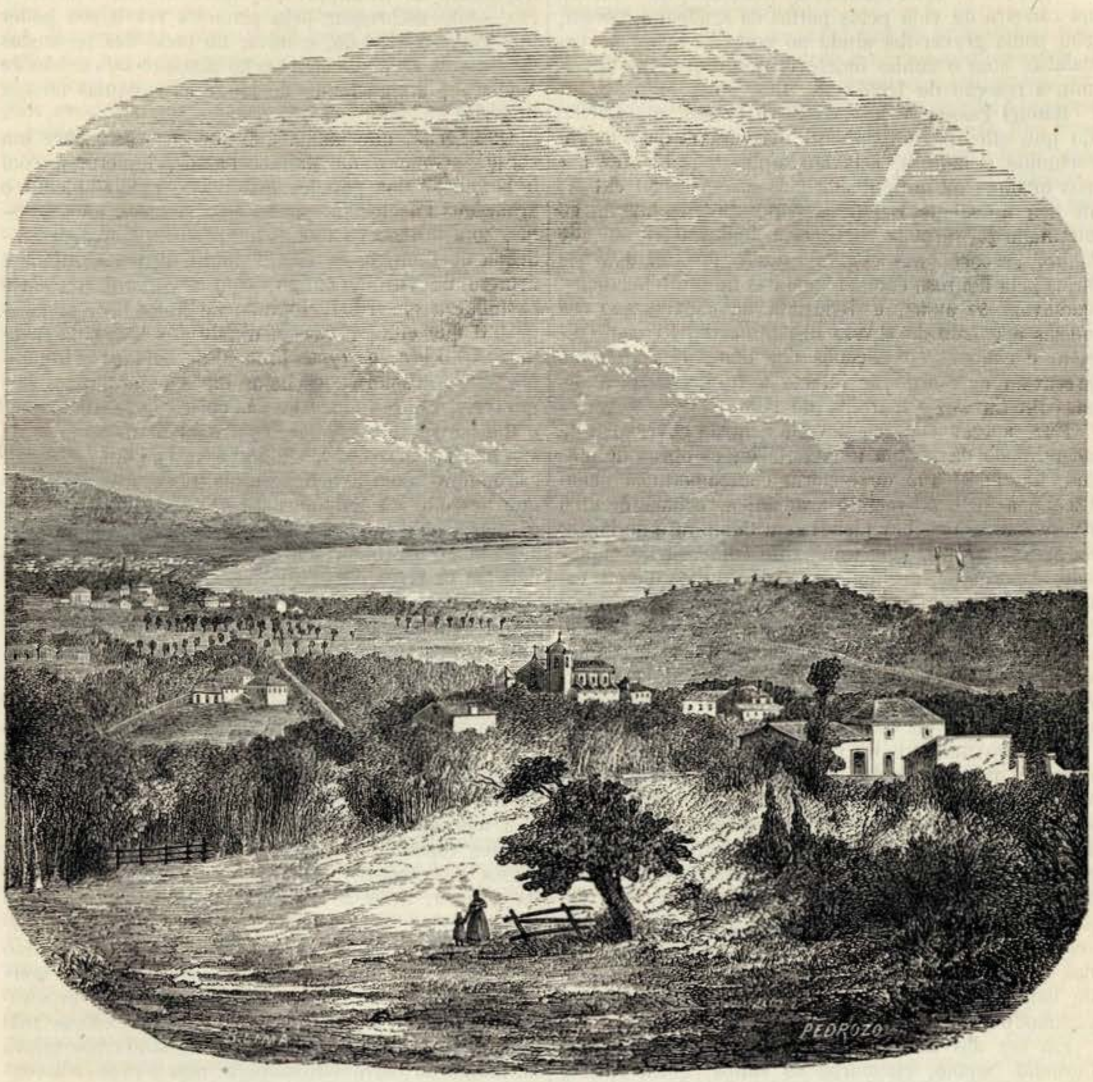


Olivaes

No fragmento do nosso roteiro de Lisboa, publicado a pag. 249, tratando dos arrabaldes de léste da cidade, dêmos algumas noticias ácerca do logar dos Olivaes. Offerecendo agora aos nossos leitores a gravura que devêra acompanhar aquelle artigo, diremos o que baste para explicação da estampa.

O primeiro plano d'esta representa uma quinta do dito logar, d'onde foi tirada a vista, com muita exactidão, pelo nosso habil desenhador o sr. Barbosa Lima. A egreja matriz, com algumas casas que lhe ficam visinhas, ergue-se d'entre a espessura dos arvoredos. Além avultam varios edificios da parte alta do logar de Sacavem. Mais distante alveja a Povoa de Santa Iria, edificada á beira do caminho de ferro de léste, e proxima do Tejo; terra pequena e pobre, cujos moradores se empregam quasi exclusivamente, como jornaleiros, no tráfico das marinhas de sal, que constituem alli uma industria muito importante. Depois segue-se a cordilheira de montes, em cujas faldas estão sentadas as villas de Alverca, de Alhandra e de Villa Franca. O Tejo, parecendo formar uma grande enseada, remata o quadro pelo lado do sul.

A estrada que conduz de Lisboa aos Olivaes passa por detraz do arvoredo que limita o primeiro plano da gravura. O caminho de ferro segue entre o Tejo, mas um tanto afastado d'elle, e as duas collinas que se levantam nas costas da egreja matriz. A via ferrea tem uma estação nos Olivaes, mas esta fica um pouco distante do logar, isto é, da parochia, porque a povoação, com quanto pequena, está espalhada.

Quando fallámos dos Olivaes, em o num. 32, esqueceu-nos mencionar que esta povoação dá o nome a um concelho, creado em 1852, e composto de varias freguezias suburbanas de Lisboa. Dizemos simplesmente, *dá o nome*, em vez de lhes chamarmos cabeça de concelho, porque a casa da camara está situada no Campo Grande, freguezia de Nossa Senhora dos Reis, e em distancia de mais de uma legoa.

I. DE VILHENA BARBOSA.

MANUEL DA SILVA PASSOS

(Vid. pag. 289)

III

Os annos de juventude correm ligeiros e distrahidos. N'elles as illusões afagam a imaginação, e as magoas mesmo ferem pouco fundas e quasi á superficie. O cruento prologo, escripto pelo algoz, ao clarão das fogueiras do campo de Sant'Anna, com o sangue dos

primeiros martyres das idéas modernas, commoveu, de certo, o coração sensivel do mancebo, que entrava na carreira da vida pelas portas da academia, porém, não podia gravar-lhe ainda no peito as lições do cadafalso, com o cunho indelevel que depois lhe imprimiu a reacção de 1823.

Manuel Passos, e José da Silva Passos, mais velho do que elle, e companheiro inseparavel de seus infortunios e fadigas, estavam ainda muito enlevados nos quadros da antiguidade classica, para no extasis de seu innocente republicanismo theorico darem ao attentado juridico da regencia a significação que elle tinha. Preoccupados com o estudo, estimulados nos brios pela honrosa competencia das lides intellectuaes, cursavam as aulas, e divertiam na conversação das musas o enfado da severa disciplina dos livros de direito e canones, explicados por lentes que ainda se prezavam de conservar intacta a tradição das reformas litterarias do marquez de Pombal.

Mas, apesar de toda a vigilancia do governo e da austeridade da policia universitaria, as obras de philosophia politica e de historia contemporanea penetravam a furto no recinto academico, e mais de uma livraria escolhida em Lisboa, em Coimbra e no Porto, escondia por traz dos rotulos de composições anodinas, soporiferas, ou inoffensivas, os titulos d'esses escriptos vigorosos que o sopro da revolução de 1789 inflammára, e que a censura expungia cuidadosa do seu index como fructos venenosos, cujo sabor era necessario vedar, sobretudo em presença da enfermidade, quasi contagiosa, de que então adoeciam as nações mais cultas da Europa.

O futuro ministro da revolução de setembro principiou a devorar, cedo, este pomo prohibido da arvore do bem e do mal; e é facil conceber o que similhantes leituras produziriam em um animo inclinado a innovações ousadas, e avesso a abusos e oppressões. O véo que lhe cerrava a vista dos horisontes largos rasgou-se de repente e de uma vez; e o espectaculo tragico e sublime das grandes luctas do seculo, de suas nobres aspirações, e de seus porfiados combates representou-se-lhe vivo, e já sombrio de todas as catastrophes que tarjam de lucto tantas paginas dolorosas dos annaes contemporaneos.

Em vez dos heroes de Plutarco e dos retratos de Cornelio Nepote, encontrou os vultos, quasi épicos, dos generaes e oradores de 1793. Em logar das reminiscencias apagadas de Athenas, de Sparta, e de Roma, achou a guerra de um só povo contra o despotismo armado dos reis, e á grande voz de Mirabeau pôde unir a terrivel acção de Danton, os crimes e os rasgos admiraveis da Convenção, e os prodigios da Republica.

No meio d'esta tempestade de uns poucos annos, cujos furacões abalam e revolvem os thronos, as instituições e as idéas, uma figura sobresae por fim, maior que Cesar e Alexandre, maior que todos os capitães e legisladores que a poesia antiga sauda quasi como semi-deuses. A sua espada, similhante á do archanjo, quebra e rompe os exercitos aguerridos, abre as portas das capitaes opulentas, faz voar o diadema da fronte dos monarchas. A sua penna escreve o codigo novo da sociedade transformada, e traduz em todas as relações sociaes e administrativas o verbo da renovação, victoria e conquista dos principios proclamados pela França.

Divulgador predestinado, atravessa a Italia, mãe e depositaria de todos os portentos do genio antigo e da renascença; pisa o solo mysterioso do Egypto, e avista as fronteiras da Asia, berço do mundo, terra promettida de seus ambiciosos designios, que nunca lhe foi dado trilhar; percorre, demolindo e reconstruindo á pressa, os territorios da Europa, suspensa, vencida e fulminada. Depois, terminada a missão de que fôra instrumento, lançadas as sementes do futuro, de que no delirio do triumpho se julgára senhor e architecto, sente escorregar pela primeira vez o seu poder nos gelos da Russia, e ouve, no meio das labaredas de Moscow incendiada, o echo distante do canhão de Waterloo, annunciando de longe as exequias do seu imperio!

Que scena, que homens, e que successos para um coração como o de Manuel Passos, impetuoso com o balbuciar das paixões generosas, exaltado com o ardor dos affectos juvenis! Como se havia de contristar, comparando os lances heroicos da Convenção rodeada de inimigos, e erecta diante d'elles com toda a firmeza da virtude antiga, com a cobardia da corte portugueza em 1807, fugindo de Junot e de si mesma! O que eram e valiam diante dos titões da revolução franceza, os typos já meio desbotados pelo tempo, que a rhetorica escholar lhe apontára como inimitaveis? Sobre tudo, como as coisas se agorentavam, e lhe pareciam pequenas, confrontados os homens da sua patria, curvos ao aceno imperioso de um proconsul estrangeiro, com aquelles vultos tragicos e tremendos que desciam da tribuna para os campos da batalha, e que, trahidos pela sorte e crivados de cicatrizes, subiam ao patibulo, sem se queixar, expiando como delictos os erros ou os caprichos da fortuna!

O que era n'este momento, em que a luz do patriotismo amanhecia para o mancebo, a terra gloriosa, que vira as proezas mais raras renovadas pelos seus reis e capitães, que revelára ás nações o novo caminho do oriente pelas solidões de mares que o genio antigo assustado inculcára como tenebrosas, e que tivera em suas mãos victoriosas, porém fracas para tamanho peso, o sceptro de oiro da Asia, e o sceptro de ferro da Africa indomita e guerreira?

A mãe dos navegadores, cujos atrevidos commettimentos espantaram o seculo XVI, o seculo dos prodigios e grandezas, um instante acordada pela dor da offensa, tinha-se erguido para expulsar do seio tres invasões; mas, ferida de anticipada velhice, tornára logo a fechar os olhos e a adormecer do somno de seculos, em que o absolutismo manso, porém mortal, de uma serie de reinados obscuros a prostrára. O sangue ainda lhe fugia pelas ligaduras mal atadas do ultimo combate; o peito ainda lhe arfava da fadiga do derradeiro esforço; mas a razão e a vontade, na meia treva de um torpor invencivel, não sabiam reagir, e, perdido o sentimento quasi inteiramente, deixavam o campo livre aos anões, que entre apupos insistiam em arremedar a obra dos gigantes.

A corte ausente tinha medo, ou pejo, de voltar. Uma regencia governava em nome do rei, ou antes governava obedecendo ás vozes militares do marechal Beresford, sujeita á insolencia de uma tutela absoluta e intoleravel. O exercito olhava com saudade para suas bandeiras rotas e queimadas das balas, e via as fileiras, cheias de inglezes, parasitas orgulhosos, que juntavam ao odio de intrusos a rudeza aggressiva de amos protegidos. Os conventos e os mosteiros continuavam a consumir o melhor das rendas e o melhor da população do paiz. A fazenda publica, exhausta, ameaçava todos os dias um cataclismo. A magistratura, mendigando premios e accessos, arrastava-se após o valimento dos privados da regencia, e o dos privados do paço de S. Christovão no Brasil. Os empregos, negados ao merecimento, eram repartidos como herança jacente pelos aulicos das classes privilegiadas.

O commercio paralysado pelos bloqueios, e extenuado pelos sacrificios exigidos na lucta contra Napoleão, declinava desamparado de todos os estimulos, de que podia carecer para se recobrar. As industrias, as poucas que ainda sobreviviam da fundação do marquez de Pombal, decaiam arruinadas, ou acabavam de expirar immoladas ao ciume e hostilidade visiveis

dos fabricantes britannicos. Uma rede inextricavel de impostos mal lançados, e peior arrecadados; de pensões e direitos reaes; de oppressões e coacções de todos os generos, apertava em seus laços a lavoira, e suffocava todos os progressos. Os dizimos, as jugadas, os quartos, os direitos banaes, as sisas, e mil invenções estultas e usurarias, forjadas pela ignorancia e a avidez para estancarem a riqueza em suas fontes, e desanimarem o trabalho em cada tentativa, engrossavam a renda das corporações ociosas, os lucros dos monopolios condemnados, e os proveitos anonymos de centenares de especuladores. Em quanto um pequeno numero de sátrapas, no regaço da indolencia, com os celeiros e adegas atestadas dos despojos alheios, zombava da pobreza e da desgraça, o povo, bando de ilotas, regava com o suor de sangue da miseria aquelles sulcos lavrados por elle para levar a abundancia aos palacios e refeitorios, e sentar a fome e o desalento junto do seu lar.

A nobreza estava dividida. Parte d'ella, a titular, formava no Rio de Janeiro o cortejo da realeza fugitiva, sustentando o seu fausto com as remessas de dinheiro enviadas de Portugal. A outra parte, a das provincias, resentida e agastada, estranhava o esquecimento ingrato da corte, detestava o jugo inglez, e maldizia a docilidade pusillanime da regencia, fazendo votos por uma mudança qualquer, que a libertasse da sujeição opprobriosa, deshonra d'ella e da nação, e lhe restituisse a influencia, a que se julgava com jus pelo nascimento, pela tradição, e pela memoria recente de seus serviços militares. O clero tambem censurava o predominio, usurpado pelos generaes estrangeiros, e custava-lhe a conciliar a razão orthodoxa que havia de desculpar a sua condescendencia para com os hereges alliados, depois de tão violenta intolerancia contra os catholicos jacobinos; porém, indouto, desunido, e devorado de ciume hierarchico, preferia murmurar em segredo a arriscar-se a um conflicto, que podia sair-lhe pesado. Nos claustros a relaxação do instituto monastico introduzíra a vaidade, a cubiça e a ambição. A censura e a inquisição, dois equuleos permanentes, armados contra a consciencia e o pensamento, puniam como crimes as mais pequenas veleidades de independencia, denunciadas á sua vigilancia. Na cùpola do edificio, auctoridades que faziam gala dos estigmas da servidão, e nem ao menos os cobriam com as dobras da purpura real. Na base multidões arrebanhadas, sedentas de justiça, espoliadas de direitos sacratissimos, desherdadas do seu quinhão social, maniatadas pelo fanatismo, pela inercia, e pela escuridão intellectual.

Eis em resumo o estado do reino nas vesperas da revolução de 24 de agosto de 1820. A insurreição estava no ar, nos animos, e nas tendencias. Podia comprimir-se hoje, mas rebentaria por força ámanhã.

O que foi esse movimento na sua origem, na sua explosão, e no seu desenlace?

Um ensaio de boa fé, como notou el-rei D. Pedro v.

Muitos applaudiram a constituição sem saber o que ella significava. Outros abraçaram-n'a como pretexto, ou como arma, contra a dictadura arrogante de lord Beresford, e a complicidade do governo do Brasil. O povo festejou a novidade que lhe offereciam, como festeja todas, e tres annos depois levou de rastos o seu idolo ás gemonias, entre clamores de enthusiasmo pelos direitos inauferiveis da realeza. Manuel Fernandes Thomaz, Borges Carneiro, José da Silva Carvalho, e poucos cidadãos mais, eram os unicos sinceros crentes no meio do sequito variegado e confuso de fidalgos, de clerigos, de frades, de militares e de burguezes, que acompanharam as cortes das Necessidades em sua virtuosa innocencia legislativa.

O que pediam os guerreiros? A saída dos officiaes inglezes do exercito, e o accesso de que os estrangeiros os privavam. Obtido isto, e afiançado, não se preoccupavam com a fórma de governo, e ainda menos com as theologias constitucionaes dos publicistas noviços d'aquelle periodo.

O que queriam os monges? Que os hereges não prevalecessem; que os altares e nichos continuassem a ser rendosos; que o confissionario e o pulpito os confirmassem na posse tranquilla dos commodos e regalias que desfructavam. Em quanto a constituição fôra uma palavra que mal percebiam, e que não lhes fazia mal, não se oppozeram, e deixaram-se chamar liberaes; porém, quando a palavra começou a traduzir-se em actos, e o machado timido dos legisladores, em vez de derrocar, principiou a ameaçar os abusos frondosos, cuja sombra mortal esterilisava o paiz, caíndo em si, conheceram que a liberdade e os conventos nunca poderiam entender-se, porque, ou ella tinha de abdicar as suas aspirações legitimas, ou elles haviam de suicidar na existencia de seculos o que mais os ligava ao mundo, embora os afastasse do ceo!

É moda sorrir e accusar os liberaes de 1820. Foram nossos mestres e iniciadores; rasgaram a primeira estrada; e além d'isto o seu nome não era legião. Succumbiram quasi sem resistencia? Escapou-lhes o chão debaixo dos pés? Um passeio monarchico riscou de um traço perto de tres annos de trabalhos e bons desejos, perto de tres annos de commettimentos honrosos? É certo que os alicerces das novas instituições foram levantados sobre areia.

Aplacado o impeto da experiencia, satisfeitas as maiores exigencias, e reparadas as injurias mais flagrantes, o egoismo de cada uma das classes preponderou, e o interesse de todos desappareceu perante o interesse de um pequeno numero. Quando os homens de 1820 se contaram, depois do voto das bases constitucionaes, acharam de menos em suas fileiras a maioria da nobreza, advertida pelo seu instincto; as ordens religiosas, que não podiam pactuar com a reforma, ou com a secularisação; e todos os privilegiados, que liam nos pomposos discursos dos Licurgos portuguezes a sentença de morte de suas pretenções e immunidades.

A plebe acclamava Borges Carneiro, acclamava a liberdade, acclamava a constituição, e acclamava D. João vi absoluto, disputando ás mulas de Alter a gloriosa fadiga de puxar desde Villa Franca o coche em que se recolhia da pacifica, e quasi pueril, campanha da poeira, o obeso, avaro, e pachorrento soberano, que n'esses dias de agitação não fôra o que tremêra menos!

As cortes oraram, peroraram, e protestaram. As sociedades patrioticas fizeram moções estrepitosas; os jornaes lançaram chispas de indignação civica; a guarda nacional deu sentinellas e metteu piquetes; e de uma hora para outra, como em um theatro bem regido mudam as decorações, o governo representativo sumiu-se pelo alçapão abaixo, e a realeza absoluta subiu de novo com o seu docel e throno á moda antiga! Eis a verdade.

(Continua) L. A. Rebello da Silva.

FUNCHAL

PICO E RIBEIRA DE S. JOÃO

A oéste da cidade do Funchal levanta-se um monte, que a domina, chamado *Pico de S. João*. No cimo do monte campeia a principal fortaleza da cidade, que, posto seja dedicada a S. João, é mais conhecida, ou, diremos antes, é mais popular com o nome de *castello do Pico*. Por um lado da montanha vae subindo um pouco pela encosta a casaria da cidade; por outro lado guarnece-lhe as faldas extensa orla de casas entremeiadas de arvoredos, e banhada pela *ri-*

beira de S. João, pobre de aguas no estio, mas caudalosa no inverno.

É esta vista que a nossa gravura representa, accrescentada com differentes serras longinquas que lhe formam o fundo. A estrada debruada de arvores, que vae correndo ao longo da ribeira; as casas alvejando entre jardins; a encosta do Pico tapetada de verdura, e com a sua coroa de muralhas ameiadas; da outra banda da ribeira bosques frondosos e casas de campo; e em fim, para mais variar os matizes, as serras ao longe parecendo cobertas de manto roxo, ou verde azul, segundo lh'o tinge a distancia; tudo isto constitue um panorama de mui lindo e variado effeito. Além da belleza da paizagem, ambas as margens da ribeira são muito productivas e de singular amenidade.

A gravura que publicâmos é cópia de uma grande photographia, que muito honra o artista que a tirou, mas cujo nome ignorâmos. I. DE VILHENA BARBOSA.

REGINA

(EPISODIO DAS CONFIDENCIAS)

TRADUZIDO DO FRANCEZ DE A. DE LAMARTINE

(Vid. pag. 294)

«Fui effectivamente, quando? Ha um seculo? Assim me parece, com effeito, e chego a pensar que a imagem que se me debuxou na pupilla nunca deixou de estar gravada n'ella. Pois, olha, apenas meio dia e meia noite decorreram desde que a vi, pela primeira vez! Ó tempo, és uma falsidade! és apenas o logar do que ainda não existe, que espera pelo que deve existir. Assim que se enche esse vacuo, o tempo morreu; para que havemos nós de medir aquillo em que não pensâmos?

«Fui, por conseguinte, pelas duas horas da tarde, debaixo de um sol ardente, que me obrigava a procurar a sombra cosendo-me com as paredes, e que fazia fugir da rua todas as creaturas humanas, bater, todo trémulo, á portinha do convento de minha irmã. Abriu-se a porta, como que por vontade propria, e entrei, sem ver pessoa alguma, n'uma alameda que ia terminar no pateo. Ninguem; as habitantes d'este convento encantado estavam a dormir a sésta nas suas cellas. Fóra, provavelmente, a rodeira estremunhada que puxára a corda que levantava o ferrolho da porta gradeada. Enlevava-me esta completa soledade; se ouvisse qualquer voz n'esse momento, estou certo que se me despedaçaria o coração; qualquer vulto que me apparecesse vinha-se interpor a mim e á imagem de minha irmã. Contemplava, em plena liberdade e em pleno socego, esses muros dentro dos quaes ella estivera encerrada, essas lages que ella pisára, esse longo cyprestal que tantas vezes fitára pensando em mim; essa fonte, cujo liquido cristal golphava em borbotões no claustro, e cujo murmurio lhe embalára o somno e lhe saudára o despertar durante tres annos. O pateo em que o sol faiscava, e cujas lages deixavam brotar nos intervallos compridas hervas e goivos amarellos, parecia um *campo santo* abandonado á inculta vegetação meridional.

«O meu passo, resoando nas pedras, não chamou pessoa alguma a esse pateo deserto, não fez descerrar nem uma só persiana das janellas. Não sabia a quem me dirigir para fallar á abbadessa e para lhe pedir que me deixasse visitar os restos inanimados de minha irmã, e que me entregasse as suas reliquias. A rodeira dormia, provavelmente, como as outras habitantes d'este claustro mysterioso. Afoitei-me, em quanto esperava que houvesse algum movimento, que soasse alguma voz, a deitar os olhos para a porção aberta do claustro, para a fonte do pateo, para os jardins em que se não ouvia nem o ruido de uma enxada, e a dar alguns passos no cerrado.

«A final deparou-se-me, na extremidade do claustro, uma porta larga entre-aberta; era a porta da capella do mosteiro, em que minha irmã muitas vezes me fallára. Suppuz que alguma freira, que fosse meditar na capella, se esquecesse de fechar a porta, que a bulha dos meus passos a distrahiria das suas devotas occupações, e que me indicaria a quem me devia dirigir no convento. Dei alguns passos no claustro; ao passar por junto da fonte metti a mão n'essa agua, que tantas vezes refrescára a fronte de Clotilde, bebi uma grande porção em memoria d'ella; impelli a porta e entrei fazendo resoar os meus passos no pequenino templo, consagrado ás devoções das reclusas. Suppunha que a bulha obrigaria alguma d'ellas a voltar-se; mas ninguem estava nas bancadas; os livros collocados nos genuflexorios marcavam o logar de cada freira. Ao fundo um altarzinho, adornado de flores artificiaes, plantadas em urnas de marmore doirado, dois ou tres quadros religiosos mettidos em molduras de madeira preta, e pendurados nas paredes caiadas, uma teia de madeira de cypreste lavrada separando o côro do resto do edificio; o chão composto de grandes lages, algumas das quaes tinham esculpidos, em baixo relevo, brazões e figuras, outras apenas uma cruz quadrada desenhada na pedra, com um nome e uma data por baixo; eis tudo. Dois raios de sol, que entravam pelas vidraças de uma pequena cúpola sobranceira ao altar, atravessavam perpendicularmente o fundo do recinto sagrado, e, como duas chapadas de agua, vinham bater nas lages junto da teia, e resaltavam a meus pés em jorros de esplendido fulgor, que iam inundar uma das esculpturas. Foi a esse esplendor celeste, ao clarão d'esse eterno cirio, como tu lhe chamas nos teus versos, que eu li o nome de Clotilde e a data da sua morte. Corri primeiro a cingir com os braços esse leito de luz, em que ella repousava, e aonde o sol parecia vir tambem procural-a para lhe dar vida e alento. Foi só depois de ter mil vezes pronunciado o seu nome, depois de ter rezado e chorado sobre o seu tumulo, que reparei n'uma differença notavel que distinguia esta das outras lages funerarias que formavam o chão da capella. Era de marmore e estava alastrada de flores aromaticas, e que pareciam ser frequentes vezes renovadas. Não fiz grande reparo n'essa distincção de culto entre os finados, e fiquei ajoelhado sobre a loisa, nem eu sei quanto tempo, com os cotovelos encostados á teia do coro, com o rosto sepultado nas mãos.

«Sabes que não sou beato; mas quem tem por baixo dos joelhos a campa que encerra o ente que mais estremeceu n'este mundo, sobre a cabeça um raio do sol no occaso, diante do pensamento o terrivel problema da eterna separação, ou da eterna união, quem está n'essas circunstancias não resolve esse problema com o raciocinio, resolve-o com o coração; ama, chora, e fia-se no seu amor e nas suas lagrimas. Todo o homem então sente-se possuido, sem querer, da superstição do seu affecto. Se nada sente, nada crê; se tudo sente, tudo acredita. Eu embevecera-me na visão da immortalidade, em que se me deparava minha irmã, como se ella fizesse parte d'esses raios luminosos; fallava-lhe como se tivesse de escutar a sua resposta no echo da minha respiração, repercutindo-se n'esse ambiente povoado de marmores sonoros. Quantos minutos, ou quantas horas assim decorreram? não sei; parece-me que ainda lá estaria se não fosse o que te vou contar.

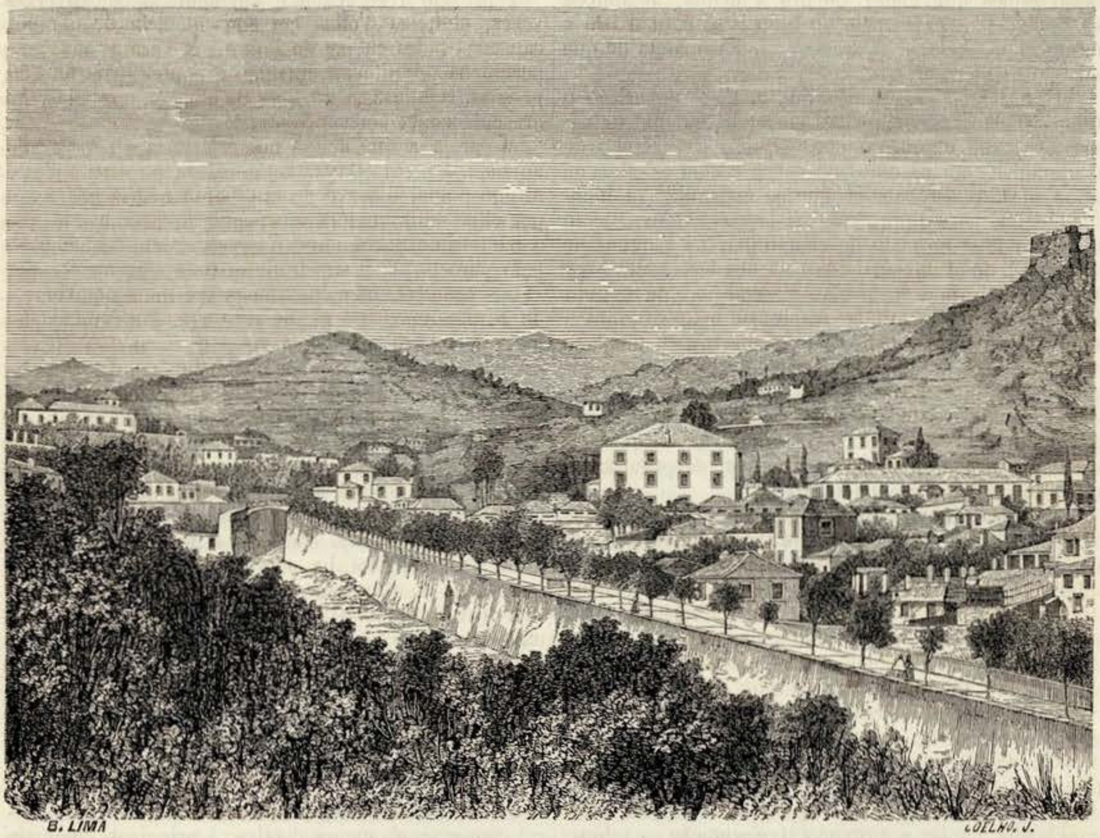
«(Mas, ó meu Deus! ainda eu não principiei e já escrevi um volume! o que tu não dirás da minha loquacidade? dize o que quizeres; hei de gravar profundamente no meu espirito, ainda que não seja no teu, esta hora em torno da qual vão gravitar, de hoje em

diante e para sempre, todas as horas da minha vida.)

«Ouvi um leve gemer nos gonzos da porta; julguei que era a brisa das *Trindades* que se levanta ao pôr do sol, e que faz bater os postigos das janellas na solidão das ruas de Roma; não me voltei. Ouvi um rugir de seda; pensei que seriam as pregas de algum dos cortinados das janellas roçando-se nos vidros; não ergui a cabeça. Ouvi um pisar leve, mas vagaroso e compassado, de pés humanos que pareciam avançar, hesitando, para o banco de madeira, cuja taboa, superior áquella onde se unem as mãos, occultava, sem duvida, a minha cabeça, tombada mais abaixo para a teia do côro. Passei os dedos pelos olhos para enxugar as lagrimas, afastei os cabellos que me inundavam a testa, e levantei-me, voltando o rosto para a porta d'onde eu julgára que vinha o ruido dos passos.

«Ah! meu amigo, foi apenas um relampago, uma visão, uma allucinação, tudo quanto tu quizeres; mas podia eu viver mil e mil annos, possuir a palheta de Raphael, o escopro de Canova, o teclado de Rossini, e a penna de Petrarca, podia escrever, pintar, cantar, esculpir o meu pensamento, milhares e milhares de horas a fio, e apesar d'isso não conseguiria egualar o que eu vi n'aquelle luminoso instante.

«Um vulto juvenil e feminino de dezeseis annos, pouco mais ou menos, todo vestido de preto, como um cypreste brotando de um chão de marmore, alto, flexivel, esbelto, com os hombros a transparecerem-lhe por baixo de uma teia de sombrias rendas, com os braços arredondados como as azas de um vaso etrusco, a cintura arqueada, tendo ainda a meio as ondulações da adolescencia, e já um tanto o vigor da mocidade, estalando o vestido de seda, muito justo, que se lhe unia aos contornos do corpo, como o tecido da hera que prende as garras verdejantes aos joelhos de uma estatua no jardim Pamphili, e que a candidez do marmore dilacera, em differentes logares; com a cabeça um pouco inclinada, com as mãos unidas, por meio dos dedos enlaçados, abarcando um d'esses formidaveis ramalhetes de todas as côres que as camponezas de Albano vem vender a Roma, ennastrados por ellas n'um floreo mosaico; com um penteado de dois ou tres grandes anneis pregados com compridos alfinetes que pareciam punhaes com o cabo de perolas; eis o que vi. Esses cabellos loiros, onde o sol batia, jorravam feixes de oiro, que produziam na vista uns verdadeiros deslumbramentos metallicos. O rosto não o descrevo; tinha riscado tantas palavras, quantas fossem as que pozesse no papel, sem conseguir exprimir o inexprimivel; de mais, em torno de todas as feições, de todas as linhas, de todos os tons da epiderme, de todas as expressões da physionomia, fluctuava uma atmosphera tão impregnada das perfumadas emanações de alma, de juventude, de vida, de esplendor, que não se viam essas feições, ou que só se viam através de uma nebulosidade luminosa, como se vê o ferro em braza por entre o igneo vapor da fornalha. Esse rosto que se poderia dizer translucido, tão limpida era a sua tez, confundia-se por tal fórma com os fulgidos raios pela transparencia e pela branca e rosea côr da fronte e das faces, que se não podia dizer o que ao sol pertencia, e o que pertencia á mulher, onde principiava e onde acabava o fulgor do ceo, e a celeste creatura. Era, permitte-me a phrase, uma encarnação da luz, uma transfiguração dos raios do sol em rosto feminino, uma sombra de physionomia no fundo de um arco iris de fogo! Mas, ora! risca tudo isto ou não o leias; era o que tu sonhaste talvez na hora mais enamorada das tuas inspirações, aquella crea-



Pico e ribeira de S. João, no Funchal

tura que tu devaneaste, capaz de fundir com um olhar chammejante o coração mais insensivel, e de o transformar n'um coração humano! O ente ideal que nunca podeste reproduzir na tela dos teus poemas; aquelle que Raphael entreviu no derradeiro periodo da sua vida artistica, quando o fogo das paixões terrenas começava n'elle a offuscar a luz do mysticismo; um rosto que não é nem o da Virgem, nem o da Fornarina, mas que tem um não sei quê de um e de outro, divino pela formosura, feminino pelo amor; olhos que, ao fitarem-se em alguem, lhe attrahem a alma aos labios e ao olhar, e devoram-n'a n'um relampago. Torna a apagar, não é isto, o relampago fulmina, e este rosto enleva e attrahe. Não, não produz a impressão do raio, não, produz antes, talvez, a subita evaporação da alma que vôa para a deidade fascinadora. Sabes que mais? Quebro a penna, amaldiçôo as palavras; não é nada de tudo isto, é tudo isto e muito mais ainda, é *ella*, em fim. Faze conta de que eu não disse nada.

«Tive tempo (se diante de uma tal apparição o tempo existe; suspeito que não; mas em fim deixame servir da expressão consagrada), tive tempo de contemplar com os olhos do corpo e com os olhos da alma o vulto arrebatador que se encaminhava indolentemente para mim, com os braços caídos, e com os olhos fitos no chão da capellinha. As estatuas de marmore, que estavam immoveis nos seus nichos por traz do altar, não eram mais de marmore do que eu. Parece-me que a minha respiração não solevantou uma vez só o meu peito, desde que o meu olhar se cravou n'essa mulher. Desejaria que avançasse sempre para mim, mas nunca se aproximasse; parecia-me que a minha existencia vinha enlaçada n'esse vulto, e que ao primeiro grito, ao primeiro gesto que soltasse ou fizesse, tudo desappareceria, despedaçando-me a vida n'esse momento fatal.

«Ou fosse por vir muito embevecida nos seus pensamentos, ou porque o raio luminoso que caía perpendicularmente da cúpola, aberta em lavores, do pequeno claustro, e que se reflectia no marmore e no oiro do altar, lhe offuscasse a vista, ainda não déra por mim, apesar de não estar a mais de seis passos de distancia. Sem erguer a cabeça, ao chegar á beira da loisa do tumulo de minha irmã, ajoelhou. Collocou mansamente em cima do marmore o grande ramalhete que trazia nas mãos, como se receiasse que o ruido das folhas de rosas, poisadas em cima de um tumulo, fosse perturbar o somno da defuncta. Depois conservou-se um instante immovel e silenciosa, contemplando a loisa e agitando ligeiramente os labios, que pareciam pronunciar o nome da nossa querida Clotilde.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

VILLA NOVA DE GAYA

(Conclusão. Vid. pag. 291)

Está edificada esta villa defronte da cidade do Porto, na margem esquerda do Douro, ora estendendo-se ao longo da praia e por um valle entre o monte de Gaya e a serra do Pilar; ora subindo, como em throno, pelo recosto d'esses dois montes. Para o lado de oéste entremeia-se a casaria com o arvoredo, e fazem-lhe touca densos bosques. Para o lado de léste está mais apinhoada, e tem por coroa, vista de longe, o extenso aqueducto do antigo mosteiro da serra do Pilar.

Pertencia outr'ora á provincia do Minho, mas na divisão territorial feita em 1834 ficou comprehendida na provincia do Douro, cuja capital é a cidade do Porto. Pela ultima reforma, que dividiu o reino em districtos administrativos, pertenceu á comarca do Porto.

A villa, excluidos os suburbios, encerra 6:450 almas. O concelho, que é limitado ao norte pelo rio Douro, a léste e sul pelo concelho da Feira, e a oéste pelo Oceano, compõe-se de 23 freguezias, com 12:125 fogos, e 40:317 habitantes, comprehendida a villa.

A matriz, da invocação de *Santa Marinha*, é a unica parochia da villa. Foi instituida em tempo del-rei D. Affonso III, porém o templo actual é de fabrica moderna e singela. Está situado perto do rio.

Os outros edificios religiosos são: um convento de freiras, uma egreja, e differentes ermidas.

O convento intitula-se de *Corpus Christi*, e é habitado por freiras dominicanas.

Foi fundado em logar baixo, proximo do rio, no anno de 1345, reinando D. Affonso IV, por D. Maria Mendes Petite.

Tem sido reedificado e augmentado por diversas vezes, algumas d'ellas em consequencia de damnos causados pelas cheias do Douro, ou para livrar d'este perigo os dormitorios. Chegou a conter mais de 300 pessoas, religiosas, seculares recolhidas, e criadas. Ao presente conta poucas freiras.

A egreja a que acima nos referimos é consagrada ao *Bom Jesus* de Gaya. Está situada no monte d'este ultimo nome, e serve de auxiliar á matriz por ser a parochia muito extensa e populosa, para o que tem o Santissimo Sacramento e um sacerdote encarregado pelo parocho de o substituir quando seja necessario.

Das ermidas, mencionaremos por mais notaveis: a de *S. Lourenço*, no monte de Gaya. Foi fundada ha mais de quatro seculos, e diz a tradição que foi seu fundador um papa, em cumprimento do voto que fizera a S. Lourenço de lhe edificar um certo numero de capellas em diversos paizes da christandade, se o santo martyr livrasse a cidade de Roma da peste que a assolava. Em 1836 foi reparada dos estragos que lhe fez a guerra durante o cerco do Porto, e por essa occasião a accrescentaram. A *capella de Nossa Senhora da Piedade*, chamada *d'Areia* por estar proxima da praia, foi ha poucos annos reedificada. A *capella de S. Roque* está situada na rua Direita.

A *Praia*, que se estende diante da povoação na maior parte do seu comprimento, é a unica praça da villa, onde estava outr'ora o pelourinho que foi derrubado por uma cheia no anno de 1821. Tem uma extensa rua, guarnecida de arvores, plantadas modernamente, e um caes de cantaria. Os largos, em frente da egreja de Santa Marinha, e do convento de Corpus Christi e outros mais, são muito pequenos.

As ruas são estreitas, tortuosas e tristes, e em geral com mais ou menos declive. A principal, chamada como por ironia *rua Direita*, corre do norte ao sul, subindo desde a praia até ao Alto da Bandeira, com grande pendor. É tambem muito estreita. A camara municipal trata de a alargar, empreza difficil e muito morosa, pois que só póde levar-se a effeito por meio de expropriações dispendiosissimas, ou por accordo na occasião de novas construcções de predios. O que ora se tem feito é apenas um principio. Para evitar o transito d'esta rua, que servia até ha pouco de continuação á estrada real de Lisboa ao Porto, é que se abriu a nova estrada da Bandeira, de que fallámos a pag. 281.

Não possue Villa Nova de Gaya edificios publicos que mereçam menção. Os proprios paços do concelho são pouco dignos de uma povoação tão importante como esta é. Limitam-se pois os seus monumentos á ponte pensil, que a une á cidade do Porto [1], e ao extincto convento da Serra do Pilar, convertido em fortaleza pela lucta da liberdade, e depois, em memoria e galardão dos nobres feitos de que foi theatro, arvorado em praça de guerra de primeira ordem. [2]

[1] Vid. a gravura e artigo a pag. 145 e 146 d'este volume.
[2] Vid. a gravura e artigo a pag. 105 do volume IV.

Ha na villa um theatrinho, onde, de tempos a tempos, se dão representações por curiosos. Fundou-o o sr. Antonio José da Costa Veiga em 1856. Tambem conta uma philarmonica, composta de artistas e operarios, e no resto do concelho possue mais tres.

Entre as fontes que abastecem de agua a povoação, e que não são menos de trinta, ha uma denominada *fonte Santa*, cujas aguas examinou o doutor Antonio Francisco da Silva, medico no Porto, em uma obra que escreveu e publicou em 1764, intitulada *Exame Medico-Cirurgico*, e diz serem similhantes ás tão celebradas aguas medicinaes de *Spa*.

O caminho de ferro do norte atravessa a villa de oéste para léste. Á cerca da estação e mais obras de arte que ahi tem, veja-se o que escrevemos a pag. 281.

É illuminada esta povoação por meio de candieiros de azeite. Este melhoramento foi ordenado pelo decreto de 5 de outubro de 1824, o mesmo que creou na cidade do Porto a illuminação publica, consignando para essa despeza o rendimento da ponte de barcas, e o imposto de 2 réis em cada arratel de carne de vacca e porco que se consumisse nas respectivas povoações.

Villa Nova de Gaya encerrava outr'ora algumas antiguidades, que o tempo, as guerras, e mais ainda esse furor vandalico que parece inoculado como um virus contagioso em o nosso corpo social, destruiram completamente.

Á frente d'essas antiguidades avultava o *castello de Gaya*, o *castrum antiquum* dos romanos, o *alcaçar mourisco de Alboazar*, que os versos de Garrett celebraram, popularisando a lenda do rapto de *Zahara* pelo rei D. Ramiro II de Leão. Contâmos fallar em outra occasião d'este castello, de que não restam vestigios, e tambem da lenda que varios escriptores nossos contemporaneos tratam como fabulosa, ou põem em duvida, e que nós, com fundamento, que julgâmos irrecusavel, temos por um facto historico, verdadeiro no essencial, e apenas adornado com algumas ficções romanticas pela poesia dos tempos cavalleirosos.

A *capella de S. Marcos*, que ficava proxima do dito castello, para o lado do norte, e que alguns escriptores pretendem que fôra a sé dos bispos de Calle, tambem já não existe. Os ultimos restos que se viam d'esta capella, ainda não ha muitos annos, desappareceram para dar logar á construcção de um muro.

Tanto a industria commercial como a fabril tem grande importancia e movimento n'esta villa. O vinho do Alto Douro é o principal alimento da primeira. Para se fazer uma idéa aproximada dos valores que alli se guardam n'este genero, dos braços que emprega, e das diversas industrias que alimenta, bastará dizer, que os depositos d'aquelles preciosos vinhos nos armazens de Villa Nova de Gaya nunca são inferiores a sessenta mil pipas.

A industria fabril está representada, em primeiro logar pelos estaleiros, onde se constroem annualmente muitos navios não só para aquelle porto, mas tambem para o Brasil; depois por muitas fabricas de faiança, loiça de pó de pedra e azulejos, de pregos e serralheria, de vidros, de sabão, de zuartes e outros tecidos, de tinturarias, de cerveja, de aguardente, de massas, de moagem, pão e bolachas. N'este ultimo ramo é notavel a *fabrica mechanica de moagem, pão e bolachas*, com machinas movidas a vapor, do sr. Eugenio Ferreira Pinto Basto.

Villa Nova de Gaya, apesar da sua muita antiguidade, e contar entre os seus titulos honorificos a circunstancia de ter sido fundação real, não tinha brazão de armas até ao anno de 1850, em que a camara, que então administrava o municipio, reiterando as supplicas anteriormente feitas, obteve da rainha, a sra. D. Maria II, a concessão de um escudo de armas reaes, onde fossem commemorados os titulos de nobreza d'esta povoação, e os feitos gloriosos de seus filhos.

Como sua magestade lhe concedêra o brazão tal qual lhe fôra pedido pela camara, vamos copiar a descripção d'elle da propria representação que o solicitou, documento que faz honra áquella camara, de que era presidente o sr. Anthero Albano da Silveira Pinto:

«*Um escudo partido:* no *lado direito sobre campo de oiro* (recordando o rio que junto corre) *um castello antigo*, caracterisado com a insignia designativa das legiões romanas entre as suas ameias, como um dos pontos mencionados no *Itinerario* de Antonino. No *lado esquerdo em campo de purpura* (allusivo ao sangue derramado na proxima lucta contra a usurpação) *uma fortaleza com zimborio* a commemorar aquelle do templo da serra do Pilar, em que os bravos voluntarios villa-novenses se encerraram e defenderam com a *bandeira das côres nacionaes constitucionaes*, triumphante sempre aos repetidos assaltos com que debalde a pretendiam derribar. No centro e meio do escudo, um escudete de azul, circundando-o em letras brancas a legenda *Mea Villa de Gaya*, perpetuará as palavras expressas do senhor rei D. Affonso III no foral por elle decretado em 1293.[1] As armas reaes d'este excelso monarcha, e as do seu sinete, como se acham em os antigos documentos, serão engastadas n'este escudete. Uma coroa mural parece o timbre appropriado a este escudo; e para côr local da lenda popular do sitio e castello de Gaya, sairá do centro d'esta coroa um guerreiro armado, embocando uma bozina, symbolisando o principe Ramiro, quando libertou sua esposa Gaya, roubada pelo regulo Alboazar.[2] O escudo é circundado por uma fita branca, em que se lê, como divisa, em letras azues, *Nome e Renome*, alludindo ao nome que Portugal derivou de Porto de Calle, e ao renome com quem a fama do seu valor tem sido sustentada».

Os arrabaldes de Villa Nova de Gaya são notaveis pela sua muita amenidade e belleza, por alguns sanctuarios a que concorrem muitas romarias, e por varias quintas de recreio muito aprazíveis e ricas em plantas exoticas.

A *egreja de S. Christovão de Mafamude*, antiga parochia rural, cuja casaria faz continuação á villa; a *egreja de Nossa Senhora da Oliveira do Douro*, tambem parochia, e outr'ora pertencente ao convento dos *congregados de Nossa Senhora da Conceição da Oliveira*, fundado em 1679; a *capella do Senhor do Padrão*, tambem conhecida sob a invocação de Santo Ovidio; a *capella do Senhor d'Além*, cuja primeira fundação data do anno de 1140, e que, muito posteriormente, foi hospicio de carmelitas calçados, são os principaes templos e sanctuarios d'aquelles arrabaldes.

Além do *convento de Nossa Senhora da Serra do Pilar*, de conegos regrantes de Santo Agostinho, de que tratámos em outro logar, e do de *Nossa Senhora da Conceição da Oliveira*, acima mencionado, havia outro intitulado de *Santo Antonio do Valle da Piedade*, de religiosos menores reformados da provincia da Soledade, fundado em 1569, e reedificado no seculo XVIII. Situado junto do Douro, que lhe banhava a cêrca, a sua egreja era uma das casas de oração, de muitas legoas em derredor, mais frequentadas de romagens; assim como a cêrca, pelos seus bosques frondosos, frescas aguas e pittorescas vistas, era um dos sitios mais procurados pelos moradores do Porto e de Villa Nova de Gaya, para passeios, jantares e merendas campestres. Egreja e convento foram incen-

[1] Da era de Cesar que corresponde ao anno de 1255 da era de Christo.

[2] Refere a lenda, que el-rei D. Ramiro II de Leão roubára a princeza Zahara, irmã de Alboazar, e que este se vingára roubando-lhe a mulher, a qual D. Ramiro libertou, introduzindo-se disfarçado no castello, e tomando-o logo depois de um assalto com a sua gente, que tinha deixado perto emboscada.

diados durante o cêrco do Porto, no dia 17 de dezembro de 1832. Depois da extincção das ordens religiosas, edificio e cêrca foram comprados pelo sr. Antonio José de Castro e Silva, negociante da praça do Porto, a quem a sra. D. Maria II agraciou com o titulo de visconde de Valle de Piedade.

D'entre as quintas dos arrabaldes de Villa Nova de Gaya, nomearemos, por mais formosas, as seguintes:

A *quinta de Campo Bello*, do sr. Alvaro Leite Pereira de Mello; acha-se em uma situação deliciosa, junto ao monte de Gaya, e sobranceira ao Douro. Sobresae por seus antigos e copados arvoredos, e pela casa com sua torre ameiada.

A *quinta de Nossa Senhora da Oliveira* era a cêrca do convento da mesma invocação, o qual foi comprado pelo fallecido visconde de Oliveira, Marcellino Maximo de Azevedo e Mello; e ao presente é propriedade e residencia da sra. viscondessa, viuva, e de seu filho. O accidentado do terreno; as arvores seculares que o assombram; as aguas que o refrescam por todas as partes, repuxando dos lagos, caíndo das rochas, e brotando de varias fontes; e em fim, as variadas perspectivas que alli se desfructam, fazem d'esta quinta um dos sitios mais encantadores das visinhanças da villa e da cidade do Porto.

A *quinta da Lavandeira*, não longe d'esta, e situada na mesma freguezia, é digna de se ver pela sua bella collecção de plantas exoticas, sobre tudo arvores e arbustos, e por um grande lago aformoseado com uma ilha povoada de camelias, e com variedade de cedros, araucarias, e outras arvores de talhe esbelto e gracioso. Pertenceu esta propriedade ao fallecido conselheiro Joaquim da Cunha Lima Oliveira Leal, que a traçou e enriqueceu de plantas, e na qual estabeleceu uma quinta modelo, com subsidio do governo, onde se ensaiavam e ensinavam os novos systemas de agricultura. É proprietario actualmente d'esta quinta o sr. Joaquim Corrêa Moreira.

A *quinta da Formiga*, no logar de Villar do Paraiso, é singular, principalmente pela disposição do terreno, tão boa e tão linda, que a não creára melhor a arte para uma quinta de regalo e de naturalisação de plantas exoticas, pois que n'ella se encontram, com a variedade de terras, quantas exposições se possam desejar. Além de dez lagos e fontes de excellentes e finissimas aguas, atravessa a quinta em toda a sua largura um rio de corrente perenne, ainda mesmo na força do estio, com que se alimenta um lago de margens relvosas, imitando o natural, e tão grande, que, sem embargo de ter duas ilhas, uma com sua casa de recreio, á maneira dos *chalets* suissos, e a outra ajardinada com seu lago de repuxo, navega-se agradavelmente n'elle em barco á vela. Entre a muita diversidade de arvores e outras plantas exoticas que a adornam, contam-se muitos cedros do Libano, araucarias, welingtonias, casuarinas, muitas especies do genero *pinus* e *abies*, e outras arvores ainda raras em nosso paiz. A casa, finalmente, construida ha pouco com elegancia e vastas proporções em meio de terrados ajardinados, e sobranceira a um extenso jardim, encerra uma copiosa livraria, rica em classicos portuguezes, e um museu, no qual se admira uma das maiores collecções que ha no reino de armaduras e armas antigas e modernas de diversos povos, e de objectos de arte chineza e japoneza, em bronze, porcelana, marfim, charão, etc.

Pertenceu esta propriedade ao celebre jurisconsulto José Ferreira Borges, auctor do *Codigo Commercial Portuguez*, e de varias obras de economia politica muito estimadas, o qual foi supremo magistrado do commercio, e um dos proclamadores da liberdade de Portugal no memoravel dia 24 de agosto de 1820.

Pertence na actualidade, pelo seu casamento com a exc. sra. D. Maria Ferreira Borges, sobrinha d'aquelle magistrado, ao sr. Joaquim José de Proença Vieira, presidente da camara municipal de Villa Nova de Gaya, e deputado eleito ás futuras cortes, a quem esta quinta deve os grandes melhoramentos que deixâmos referidos, e que colligiu nas suas viagens todas aquellas curiosidades.

A *quinta do Espirito Santo*, no logar de Arcozello, e propriedade da exc. sra. D. Felicidade Teixeira Pinto Basto, é uma quinta toda plana, com boa casa de residencia. Tem uma grande matta, que era outr'ora simplesmente um basto pinhal, e que ha poucos annos, sob o plano e direcção do sr. Guilherme Filippe Stoll, natural de Neuf-chatel, mas ha muito tempo residente em nosso paiz, foi transformado em um bello parque, cortado por formosas ruas muito largas, extensas, e guarnecidas de mui diversas especies de arvores, mandadas vir da Belgica, da Hollanda e de Hamburgo, por diligencias do mesmo.

Tambem devemos mencionar a quinta do sr. Ricardo Browne, junto á villa, não obstante achar-se dividida pelo caminho de ferro.

Villa Nova de Gaya honra-se de contar entre os seus filhos o eminentissimo cardeal patriarcha de Lisboa, D. Manuel Bento Rodrigues.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

66.º

Anda hoje em dia tão arraigado um erro na conjugação do verbo *construir*, que julgâmos urgente notal-o, para se corrigir.

Consiste em dizer *construes*, *construe*, *construem*, por *constroes*, *constroe*, *constroem*.

Nasce este erro de se não attender a que certos verbos da terceira conjugação, mudam o *u* para *o* na segunda e terceira pessoa do singular, e na terceira do plural, em o tempo presente do modo indicativo, ou affirmativo, segundo a philosophica denominação que na sua *Grammatica Nacional* lhe dá o joven professor Julio Caldas Aulete.

O *construir*, e outros como *bulir*, *consumir*, *fugir*, etc., conjugam-se como o verbo *destruir*, e ninguem diz hoje, *destrues*, *destrue*, *destruem*, mas sim *destroes*, *destroe*, *destroem*.

Os antigos diziam *construe*, *construem*; e ainda Vieira escreveu *construem* no t. X, pag. 22; *destrue* no t. IV, pag. 420; e *fuge*, imperativamente, no mesmo t. pag. 228; mas ha muito que taes linguagens verbaes estão antiquadas.

Hoje só é correcto, dizer-se: *acode*, *acodem*; *bole*, *bolem*; *consome*, *consomem*; *destroe*, *destroem*; *foge*, *fogem*; *some*, *somem*; e outros que andam no rol de verbos irregulares.

Não occultaremos que sobre a irregularidade do verbo *construir* tem havido opiniões diversas, sendo para notar como especiosa a de um philologo, aliás attendivel, qual é Candido Lusitano.

Diz elle: [1]

«*Construir*, quando significa o mesmo que verter de uma lingua para outra, é verbo irregular, e conjuga-se: *construo*, *constroes*, *constroem*, etc. Quando vale o mesmo que *edificar*, é verbo regular, e conjuga-se: *construo*, *construe*, *construem*, etc.

É inadmissivel esta regra, não só porque o verbo *construir* applicado á syntaxe e á traducção é o mesmo figuradamente, mas tambem porque se não devem multiplicar regras superfluas.

Além d'isto, a opinião de Candido Lusitano é singular, e contraria á dos nossos melhores grammaticos.

SILVA TULLIO.

[1] Reflexões sobre a Lingua Portugueza, part. II, pag. 27.